

Haydu, Verônica Bender. Maria tem culpa? **Tribuna do Vale do Paranapanema**, Rolândia, nº 1260, p.7, 29 de junho de 2007.

Maria tem culpa?

Dando continuidade à questão da relação entre culpa e vergonha, e a atribuição de culpa a outras pessoas, vou recorrer mais uma vez aos meus personagens fictícios e à história deles.

Maria foi à casa de Pedro para terminar o noivado, porque Pedro a agrediu violentamente. Durante a conversa com os pais dele, a mãe de Pedro concordou não estar se sentindo culpada, mas envergonhada com o que o filho fez. Nisso, Pedro chegou e disse que a culpada de tudo era Maria, porque ela não havia respeitado o compromisso deles. Ela havia se encontrado com Mauro, seu ex-namorado, e Pedro, numa reação violenta de ciúmes, bateu em Maria à ponto dela ter que ficar hospitalizada.

Ao acusar Maria, provavelmente, ele achava que estaria justificando sua atitude e se livrando da responsabilidade pelo que fez. Esse tipo de reação é muito comum, porque com frequência isso funciona, inclusive nos termos da lei. As pessoas culpam outras porque, ao fazê-lo, elas podem não ter que responder pelos seus atos.

Ao ouvir o que Pedro disse, Maria enrubescceu e quis esclarecer a situação. No entanto, a mãe de Maria falou primeiro:

- Isto aqui não é um julgamento. A situação está muito clara, não creio que com uma discussão vamos alterar os fatos. Maria não vai mais se casar com você, Pedro.

Maria concordou com sua mãe e complementou dizendo:

- Lamento muito se provoquei esta situação, mas não vou mudar de opinião a respeito do casamento, sendo culpada ou não.

Maria estava decidida e muito segura. Ela não iria voltar atrás.

O poema de Cleide Canton Garcia, que reproduzo a seguir, nos dá uma idéia de como Maria estava se sentindo.

Culpada sou eu Cleide Canton Garcia

Esqueça, por favor!
Não quero ser o alguém
que te causa dissabor.
Sou mesmo assim,
muito segura de mim.

O que me custa?
Hoje, nada.
Já paguei meus sofrimentos
com mil lágrimas derramadas.
Já curei minhas feridas,
todas as dores sentidas,
afastei os meus medos,
desbravei os meus segredos.
Não me queiras
onde não poderei estar.
Nem santa nem devassa,
já tenho o meu altar.

Quem na verdade eu amo
jamais deixou de me amar.
Querer-me mal não adianta
pois cada um colhe o que planta.

Se vejo flores nos meus caminhos
e tu andas pelos espinhos,
se não abdicas do teu amargor
eu não abro mão do meu licor,
se jogo limpo e acabo ganhando
e de teus blefes saís chorando,
se luto para chegar
enquanto permaneces no mesmo lugar,
se eu curto os meus amigos
e tu ganhas inimigos,
se tenho sonhos palpáveis
e os teus são intocáveis,
culpada sou eu
que não consegui te fazer enxergar
a grandeza de ser
e verdadeiramente amar.

Você pode acessar os textos anteriores desta coluna, no meu *site* pessoal:
www.uel.br/pessoal/haydu.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo